



HESPAÑHA.—CASTEL-FOLLIT.

A sete leguas, pouco mais ou menos, ao sudoeste de Campredon, sobre o Fluvia, na provincia da Catalunha, avistam-se em um cabeço abrupto, e aparentemente inacessivel, as ruinas da povoação de Castel-Follit. É mui pittoresca a fôrma das rochas que constituem a elevação em que está assente aquelle triste monumento das desgraçadas discordias civis que ensanguentaram o reino visinho ha poucos annos. Dão uma idéa aquellas rochas dos tubos de orgão da caverna de Staffa, na ilha do mesmo nome, que é uma das Hebrides, ou ilhas occidentaes da Escocia, de que se deu noticia no volume primeiro da primeira serie d'este semanario, pagina 143.

A região adjacente é um terreno totalmente vulcanisado, e os geologos o consideram como a prin-

cipal séde dos phenomenos vulcanicos que contribuíram para a formação da cordilheira dos Pyrenéos.

É difficil averiguar a origem do nome d'esta povoação catalã; ha diversas opiniões; sendo a mais verosimil a que o deriva de *Castellum fultum*, castello fortificado. E de feito a posição de Castel-Follit era a mais propria para n'ella se construirem d'essas pequenas torres ou atalaias de que n'outras eras estava coberta toda a peninsula.

Apesar porém do selvatico e grandioso aspecto d'aquelle paiz, Castel-Follit não seria conhecida nem nomeada fóra da provincia a que pertence se não foram essas desastradas contestações a que acima nos referimos.

Na campanha dos carlistas contra os constitucio-

naes em 1832, os habitantes de Castel-Follit, a exemplo dos de Seo de Urgel e de Balaguer, seguiram o partido de D. Carlos. No fim do mez de outubro seguinte o famoso chefe constitucional Mina, assenhoreando-se da povoação, mandou-a incendiar, e demolir até os alicerces o castello que ali havia.

O proprio Mina refere este successo n'um boletim concebido n'estes termos:

«A villa é um deserto. As casas, o castello não existem; e para lembrar ás outras povoações o fim tragico que devem esperar a suas loucas tentativas, se, dando ouvidos a perfidas suggestões, ousarem tomar armas, e reunir-se aos inimigos do bem publico, na mais visivel parte de uma das muralhas que ficou de pé, mandei pôr esta inscripção: *Aqui foi Castel-Follit: aprendei, ó cidades da Hespanha, n'este exemplo, a não auxiliar os inimigos da patria.*

## IGNOTO DEO.

### TRADIÇÃO PORTUGUEZA.

#### I.

#### A CÔRTE DE AFFONSO V.

São passados quatro seculos sobre os successos que vamos narrar. Os corações que então palpitavam de amor, de ambição ou de orgulho esfriaram ha muito, e dos soffrimentos, das dôres, das agonias d'esses homens ninguem já cura hoje. Os principaes personagens d'este mysterioso drama, devem á elevada posição que o destino lhes assignou na escala social, a vantagem de seus nomes haverem chegado até nós, em citações passageiras de alguns chronistas; se tivessem nascido na humilde condição do romancista, que tenta agora applicar o galvanismo a seus mirrados cadaveres, fôra impossivel salv-los da podridão do olvido. Só Deus, porém, teria força para resuscitar o homem, animado do fogo das paixões que o dominaram; ao escriptor, que em breve será pó, como os seus heroes, apenas resta o poder de lhes emprestar uma vida ficticia, pondo em movimento as sombras dos que repousam na eternidade.

O sol de um formoso dia de agosto de 1447, inundava de calor e luz o palacio da Alcaçova, no castello de Lisboa, aonde se festejavam duas bodas reaes, e dava de chapa sobre o povo, que se apinhava no terceiro contiguo, para fruir o seu quinhão de prazer n'aquelle folguedo.

E não era a arraya miuda quem menos gosava. Não podia, é certo, subir a grande escadaria do atrio, e invadir as ricas salas do palacio, cuja entrada guardavam cuidadosamente os archeiros; mas contentava-se em admirar os lindos pannos de Flandres, os tapetes e colchas de razos e de brocado, que pendiam das janellas; as figuras tecidas, bordadas em vulto, que forravam a varanda do andar nobre, onde eram os aposentos d'el-rei; e as lhamas de ouro e prata, que guarneciam o pavimento superior, em cujas salas houvéra sarau na vespera. O povo extasiava-se perante todo aquelle luzimento, que era fructo do seu suor, apanhava as flores que damas desdenhosas deixavam cair da mão, quando assomavam aos balcões, embriagava-se com os sons discordes das charmelas, adufes, trombetas e outros instrumentos em guerra com a harmonia, e para mostrar o seu con-

tentamento, e alliar-se mais estreitamente á festa real, soltava entusiasticos vivas ao rei, ao regente, e aos noivos, e formava dansas, acompanhadas de gaitas e pandeiros, cantava, berrava e tripudiava em vertiginoso delirio.

Lá dentro a alegria era menos ruidosa, e, ainda assim, menos sincera. Por entre as flores da festa nupcial, escondiam-se, como as viboras, odios rancorosos, projectos de vingança, pequenas invejas de grandes, que em menos de dous annos iam rebentar com estrondo, cobrir de sangue o paiz, povoar as terras do exilio, e diminuir o apoucado numero dos homens probos, leaes e desinteressados do paiz. Entrae. Não vêdes o ar triste com que se recosta no espaldar d'essa cadeira de veludo cramesim, um homem ainda robusto pela idade, mas já quebrado pelo desgosto, e como que presagiando desgraça maior? E junto a elle, de pé, e encostado á espada, sua unica esperança, não observaes esse outro cavalleiro, cujos olhos fâiscam chammas de colera, e que parece abafado pelas telas do paço, como quem só nos campos de batalha costuma respirar livre? É o infante D. Pedro, duque de Coimbra, e regente do reino durante a menoridade de Affonso V, e o seu fiel amigo D. Alvaro Vaz de Almada, conde de Avranches, e alcaide-mór de Lisboa; ambos esforçados batalhadores, ambos conhecidos por suas viagens em toda a Europa, e, d'ahi a pouco, ambos martyres no sitio da Alfarrobeira! Perto d'elles, apenas se vêem tres mancebos passeiando, D. Jayme, D. João e D. Pedro, dignos filhos do regente, que obtiveram em tenra idade, mais por suas virtudes do que pelo berço em que nasceram, um o chapeu cardinalicio, outro a regencia do reino de Chypre, outro o estoque de condestavel, o mestrado de Aviz, e depois a corôa de Aragão, dando todos claras provas de prudencia, de saber e de valor. O resto da côrte afastava-se do infante, que estava para largar a regencia, como o povo fugiria do contacto de um leproso ou de um judeu. As dissensões politicas dos nossos partidos de hoje, não dão a medida d'estes implacaveis odios de familia, que se apoiavam em diversas parcialidades de nobres e prelados, e ás vezes no auxilio do estrangeiro, sem que o povo tomasse parte na contenda. Posto que não tenhamos intenção de desenvolver a ampla intriga d'essa epocha fatal da nossa historia, é comtudo necessario apresentar ao leitor os principaes vultos da côrte de Affonso V, onde tem de se passar algumas das scenas d'esta legenda; e por isso o convidamos a deixar a camara aonde pousa o sabio regente e seus melhores amigos, para contemplar os outros grupos, que formam os altos relevos d'esse quadro, repugnante em parte, posto que moldurado em ouro e pedraria.

O centro da conspiração contra o regente ahi está na varanda dos aposentos reaes, representado nas pessoas do duque de Bragança, bastardo de D. João I, do conde de Ourem, seu filho, do arcebispo de Lisboa, e de alguns outros fidalgos de menos nomeada. Todos haviam sido partidarios da regencia de D. Leonor, viuva de D. Duarte, a favor da qual saíram a campo, porém vencidos pelo infante D. Pedro, não bastou um generoso perdão para lhes desarmar o odio injusto contra o vencedor. Contando insinuar-se no animo do novo rei, apenas entrado na adolescencia, os conjurados saboreavam de antemão o prazer de uma vingança ignobil sobre o homem mais honrado e talentoso de toda a Hespanha.

Na sala do docel estava a parte neutral da côrte, rodeando os principes de Portugal, todos ainda jo-

vens, exceptuado sómente o veneravel infante D. Henrique, digno irmão do duque de Coimbra, do infante santo, que morrêra poucos annos antes nas prizações de Fez, do fallecido rei D. Duarte, do tambem finado condestavel D. João, e da preclara duqueza de Borgonha, D. Isabel.

Nenhum rei da christandade teve mais heroica prole do que D. João, o mestre de Aviz. Cavalleiros como seu pae, instruidos como nenhum outro principe europeu, os filhos legitimos do soberano popular viveram para a gloria do seu paiz, e morreram por ella.

Dissemos que na sala do docel estavam os moços principes de Portugal: eram elles el-rei D. Affonso V, que contava apenas quinze annos de idade, mas em cujo rosto, ainda imberbe, transparecia a magestade real e aquella vontade immutavel, que mais tarde lhe foi fatal; D. Isabel, sua prima e desposada, da mesma idade que el-rei, e filha do infante regente; suas irmãs, D. Leonor, D. Catharina e D. Joanna, ainda meninas; seu irmão D. Fernando, cujo consorcio com D. Brites, ou Beatriz, filha do infante D. João, se celebrava n'esse dia; e D. Isabel, tambem filha do infante (morto havia cinco annos), que, á mesma hora do consorcio de sua irmã mais nova, desposava por procuração a el-rei D. João II de Castella, representado em Lisboa pelo seu embaixador D. Garcia Sanches de Valladolid.

É notavel que estas duas irmãs, casadas no mesmo dia, deram o ser aos dous grandes monarchas, cujos nomes estão vinculados á descoberta das Indias orientaes e occidentaes. Do consorcio de D. Isabel com D. João de Castella nasceu a rainha Isabel a Catholica, e a união de D. Brites com D. Fernando deu a Portugal o rei D. Manuel.

Festejava-se nos paços da Alcaçova esta dupla boda, como mencionamos, e uma pleiade de fidalgos moços, e de formosas donas e donzellas cercavam as desposadas, e alongavam os olhos até ao throno, onde brevemente se ia collocar outra cadeira para a nova e infeliz rainha, e d'onde mais tarde tinha de descer a primeira chuva de titulos de nobreza sobre Portugal, chuva que foi engrossando de então para cá, até se tornar uma torrente em nossos dias.

Ahi estavam em embrião os primeiros condes de Abrantes, de Olivença, de Arganil (bispo de Coimbra), da Feira, de Cantanhede, da Atalaia, de Penella, de Valença, de Loulé, de Penamacor, de Caminha, de Faro, de Monsanto, de Marialva, de Mira, de Villa Real, de Atougua, o primeiro visconde que houve em Portugal (de villa nova da Cerveira), o primeiro barão (de Alvito), o primeiro marquez (de Valença), os marquezes de Villa Real, Monte-mór, e Villa Viçosa, o duque de Guimarães, primogenito de Bragança; e ao lado de D. Diogo da Silva, que tambem depois foi conde de Portalegre, notava-se um mancebo, que então passava por ser modelo dos mais gentis cortezaões, e o mais avisado de todos os fidalgos do seu tempo. Ao braço de João de Menezes da Silva (era este o nome do mancebo) encostava-se uma linda senhora de vinte e tres annos de idade, que era tida pela mais formosa mulher de toda a Hespanha (dizem as memorias da epocha); chamava-se ella D. Beatriz da Silva, irmã, como João de Menezes, do futuro conde de Portalegre; porém a estes dous reservava-lhes o céu outra corôa mais fulgente que as da nobreza, outros titulos que a realza não pôde dar.

Aos curiosos de genealogias, diremos, fundados no testemunho de Duarte Nunes de Leão e de outros

não menos conspicuos escriptores, que estes tres irmãos haviam nascido do consorcio de Ayres Gomes da Silva, alcaide-mór de Campo-maior e Ouguella, com D. Isabel de Menezes, filha do conde D. Pedro de Menezes, primeiro capitão de Ceuta. Agora, aos que apreciam mais as perfeições do corpo e da alma, do que a extirpe e os titulos de cada um, vamos oferecer os retratos d'estes dous irmãos no sangue e na desgraça, que acabaram por buscar a consolação aonde só pôde encontrar-se, no seio immenso de Deus.

Todos os chronistas são cónformes em celebrar a peregrina belleza da filha de Ayres da Silva, e as mil graças com que a natureza a dotára: nem a estatua-ria nem a pintura reproduziram nunca uma santa nem sonharam uma deusa, que possuísse o todo harmonioso d'esta encantadora donzella. D. Beatriz era mais alta do que baixa, em relação ao commum das estaturas meridionaes; alva como poucas hespanholas, e airoso como nenhuma outra mulher; a garça real invejar-lhe-fa o colo, um anel lhe serviria de cinto, e uma creança não calçaria os seus pantufos dourados. Beijar-lhe a mão causava vertigens. De uma côr indefinida, uma das mil variantes do castanho, os olhos pareciam mais ou menos claros, conforme a disposição da luz a que eram observados; mas sempre maviosos, posto que não amortecidos, agradavam igualmente ao fanatico pelos olhos pretos, ao sectario dos azues, ao proselito dos verdes, ao admirador dos pardos, a todos emfim, porque aquelles olhos magicos tinham o condão de combinar todos os gostos, pareciam creados para fundir em uma só todas as seitas do bello, como esses genios cuja palavra eloquente arrastra apoz si as turbas, reunindo n'um pensamento commum as opiniões disparatadas dos corrilhos. Os cabellos e pestanas sedosas, as sobancelhas ramudas, tinham a mesma côr cambiante dos olhos; o nariz parecia talhado expressamente para não perturbar a harmonia do rosto; e a bôca, ciôsa dos lindos dentes, occultava o seu esmalte por dous beiços côr de romã. Uma pallidez graciosa lhe velava de continuo o roseo assetinado das faces, e mesmo sob o mais amavel sorriso se conhecia que a linda dama guardava cuidadosamente um segredo, talvez um mysterio de amor. Galanteios dos mais formosos mancebos, propostas de casamento dos mais nobres senhores, tudo engeitára Beatriz, e parecia disposta a recusar mesmo uma corôa real. Seria, como nenhuma outra donzella da côrte, mas não desdenhosa, já fôra innocente origem de varios duellos entre alguns dos fidalgos que a requestavam, e a essa causa attribuiam muitos a sua habitual tristeza; porém, se assim era, porque não remediava o mal, preferindo um dos seus adoradores?...

João de Menezes da Silva era, n'essa epocha, o antipoda de sua irmã a respeito de alegria. Quasi da mesma idade que Beatriz, cortejado pelas mais bellas donas da côrte, fazendo palpitar mais de um coração virginal, o esbelto e valente mancebo ainda não sentira o que é o amor; adivinhava-o, comtudo, e as suas idéas romanescas faziam-lhe presentir um futuro de desgraças para quando chegasse o dia de se abandonar á paixão de uma mulher digna d'elle. Em quanto porém não soava essa hora, D. João passava o tempo em saraus, em galanteios, e ás vezes em alguma briga com os irmãos, noivos ou maridos das suas damas; ninguem melhor do que elle dançava a *alta* e a *baixa*, o baile *mourisco* e o *vilão*, que até nas salas do paço se executavam, nem dizia mais finos conceitos ao ouvido das esquivas (que nunca o eram para D. João); da mesma forma ninguem so-

peava melhor um cavallo, nem monteava mais desembarçadamente o javali. Os homens tinham-lhe inveja, as damas morriam por elle.

Estes dous irmãos, cuja mutua amizade todos exaltavam, iam agora separar-se. D. Beatriz, acompanhava a Castella a nova rainha D. Isabel, como sua dona de honor, e João de Menezes ficava em Lisboa, com projectos de ir *metter lança em Africa* logo que houvesse outra expedição aos Algarves de além-mar, o que se esperava para breve.

O dia do casamento era tambem o da partida para a princeza D. Isabel, e poucas horas restavam já agora áquelle carinhoso amor fraternal dos filhos de Ayres da Silva... depois só teriam a saudade da ausencia, até ao tumulo.

Chegou enfim a noite, e tratou-se do embarque da rainha, que ia atravessar o rio em um bergantim real, para seguir por Alemtejo até Tordezilhas, aonde estava a côrte de Castella. O prestito poz-se em movimento dos paços da Alcaçova para o caes da Ribeira, precedido dos arautos, reis d'armas e passavantes, e de cem alabardeiros, que abriam caminho por entre o povo apinhado nas ruas do transito, e ao estrondo de mil fogos d'artificio. Seguiam-se os senhores da côrte em duas alas, com tochas accesas, depois o rei, o regente, os infantes, as princezas e o embaixador de Castella, todos a pé, e silenciosos, e por ultimo D. Guiomar de Castro, condessa d'Atouguia, que ia acompanhar a princeza até á fronteira de Hespanha, e as donas de honor que a seguiam a Castella. Alguns alabardeiros e immenso povo precipitavam-se atraz da real comitiva, como uma torrente despenhada dos alturas do castello sobre as ribas do Tejo.

Em quanto sobre a ponte de madeira, armada á pressa para o embarque de D. Isabel, se despedia a joven princeza de seus reaes parentes, com as lagrimas que uma tal separação pedia, estreitavam-se em um ultimo adeus, no terreiro contiguo, (onde el-rei D. Manuel levantou depois novos paços) os irmãos do conde de Portalegre.

—Eu, que sou homem, choro, Beatriz; e tu, mimosa donzella, não tens uma lagrima para dar a este momento de angustia?

—Oh! tu não adivinhas a força que tem a alma de uma mulher! Não choro, não, e sinto-me morrer n'esta hora!

—Adeus, irmã.

—Adeus, meu João... adeus!

—Espera!... Um beijo por despedida...

—Um beijo? Sim... um beijo ardente!...

Beatriz lançou os braços á roda do pescoço de seu irmão; mas logo recuando, mais pallida do que nunca, e tremula e convulsa, exclamou:

—Oh! não... não... não!...

E precipitou-se para a ponte, desaparecendo immediatamente entre as pessoas do sequito real.

—Meu Deus! que terá ella?—murmurou João de Menezes, pregado no mesmo lugar, como por uma força superior—sempre acreditei que um amor occulto causava aquella tristeza de Beatriz, e agora mais certo estou que esconde um segredo mortal... Porém fugir de mim?... Que tenho eu com os seus amores! Devem de ser honestos, como convem á filha de nossos paes, ao sangue de Menezes e de Silvas.

O mancebo fugia de um pensamento que, a seu pesar, lhe apparecia confuso, mas horrivel! Só o arrancou d'esta melancolica abstracção o som da artilharia, salvando ao largar da ponte o bergantim real,

que tambem conduzia Beatriz. Correu para o rio, a dizer adeus, ainda uma vez, áquelle irmã querida, porém os vivas do povo e o estrondo dos tiros cobriam-lhe a voz; nem o bergantim já pôde ver, que se sumia entre nuvens de fumo; e quando, por ultima recordação, contemplava a esteira que apoz si deixára o barco, vieram ondas irvejosas desfazer-lhe a illusão, e o Tejo ficou tranquillo, como se não acabasse de separar para sempre dous entes que se adoravam.

(Continúa).

F. M. BORDALO.

## LITTERATURA ALLEMÃ.

TIECK.

Ouve na regeneração da litteratura allemã tres epochas distinctas de que tres homens representam o character e as tendencias. A primeira é uma epocha de crítica, de esforços generosos, de tentativas de criação; Lessing é o seu guia, o seu apostolo. A segunda começa pelos fins do seculo ultimo; a crítica sabia de Lessing tinha produzido sazoados fructos; a Allemanha em pouco espaço de tempo tinha dado um grande passo. A arte apresenta-se em toda a sua pureza e sublime elevação. Goethe é o monarca d'esta litteratura nacional, que havia tardado tanto tempo a nascer, mas que de repente brilha com tanto fulgor. A seu lado Schiller, o nobre poeta, escreve no ardor da exaltação esses dramas em que a natureza do homem se idealisa, esses bellos dramas aonde as graças das formas antigas se casam com tanta harmonia com o romanticismo dos tempos modernos. Alguns annos depois apparece outro poeta, que respeitando com veneração a gloria de Goethe e de Schiller, tenta caminhar por uma senda diversa da que haviam seguido esses dous poetas distinctos, e procura dar ao genio romantico da sua nação maior impulso do que até então havia recebido. Com elle caminhavam de mãos dadas Frederico e Guilherme Schlegel, dous homens de sciencia e de gosto, que suscitaram tantas idéas novas; e Frederico de Hardenberg, mais conhecido pelo nome de Novalis, pobre poeta, a quem a morte não deu tempo para acabar uma producção admiravel.

Estes quatro grandes escriptores, estes quatro irmãos em poesia, romperam os diques em que o genio austero de Goethe havia reprezado o romanticismo, e franquearam-lhe larga carreira. Para sustentarem as suas theorias recorreram aos passados seculos. Traduziram Shakspeare, e louvaram Calderon; a India patenteou-lhes os occultos thesouros de seus mythos, e a idade média encantou-os pelo sentimento íntimo, singeleza e candura de suas composições.

Então, a Allemanha, que ainda hoje em dia celebra religiosamente o anniversario da reforma, ficou estupefacta ao ver apparecer esses escriptos onde só se engrandecia a arte catholica, essas poesias que se diriam todas inspiradas pelos antigos Minnelieder, ou filhas da contemplação dos quadros de igreja allemães e italianos, remontando de Hemmling e Wohlgemuth até Perugino e Giotto. As *Horas*, jornal fundado por Schiller, a *Gazeta universal de Litteratura*, o *Atheneu*, a *Crítica* e o *Museu allemão*, foram seguidamente os orgãos principaes d'esta nova associação; e em quanto que os dous irmãos Schlegel publicavam n'estes jornaes as suas críticas e aprecia-

ções sobre as obras de Goethe, Schiller e Lessing, Tieck trabalhava em popularisar, por meio das suas poesias, as mesmas idéas que a crítica desenvolvia em theoria.

Para bem comprehender Tieck e a dupla influencia que elle exerceu sobre a litteratura allemã, é necessario distinguir n'elle dous homens: o poeta, e o romancista. O poeta é um joven ingenuo, credulo, caprichoso, cuja imaginação fertil se exparze, ora atravez das phantasias de Ariosto, ora nas lendas piedosas dos mosteiros da meia idade. Vive no meio da natureza como no meio de um mundo encantado. Com a sua vara magica na mão toca tudo o que encontra, e anima tudo quanto toca.

Ha para elle no balancear das arvores, no murmurar do arroyo, nos suspiros do zephiro, uma linguagem mysteriosa que só elle comprehende. Não receeis que elle uma só vez se isole, porque apenas transpõe o limiar da sua pacifica morada, assim que piza a orla do prado ou o declive da montanha, tudo em torno d'elle entoa um concerto de vozes aereas, risonhas ou gemedouras, segundo que a sua alma está propensa á alegria ou á tristeza.

Para elle, assim como para o seu amigo Novalis, todos os seres vivos ou inanimados se prendem ao homem por um laço imperceptível; os ramos das arvores curvam-se sobre a sua cabeça para o acompanharem na dôr; as flores o contemplam sorrindo, as mesmas pedras se enternecem com as suas lagrimas. O homem é o typo mais perfeito da criação, e a natureza é a sua irmã, a sua amante favorita.

Tal é Tieck o poeta, o auctor de Genoveva e de Fortunatus, sempre disposto a cantar, sempre accessivel ao entusiasmo, ingenuo como uma donzella, feliz como uma creança, feliz sobre tudo por poder esquecer-se largas horas no seio de seus sonhos favoritos, e correr livre aonde o chama a sua phantasia, hoje aos romances de Hespanha, amanhã ás balladas do norte.

Depois do poeta vem o romancista, que é um homem bem diverso; tem o scepticismo no olhar, e a ironia nos labios. Vae-se pelo mundo, não para cantar os seus sonetos religiosos, ou os seus hymnos de amor, mas para observar de mais perto os vicios dos homens e os seus ridiculos. Todos os seus quadros da vida íntima são tão verdadeiros como os de Fielding, e recheados de satyras *humoristicas*, no genero de Swift. Desgraçada da figura pedantesca do conselheiro de estado que se lhe apresenta cerimonioso! desgraçadas das tolas pretensões de dinheiro ou de nobreza, das vaidades de *parvenu*, que elle depare no seu caminho! Não se cansa em lançar contra ellés a invectiva ou o anathema, mas cobre-os de tal sarcasmo, de um ridiculo tão acerbo, que as infelizes victimas antes quereriam mil vezes pagar um avultado resgate, do que verem-se por tal modo daguerreotypadas e expostas á irrisão publica. Ha, nos dous generos de obras de Tieck, nos seus dramas e nas suas novellas, uma tamanha differença de indole que se não pôde facilmente explicar. Tieck deve ser considerado como um homem sujeito constantemente a duas influencias oppostas, conservando sempre para cada uma d'ellas um orgão distincto, uma faculdade diversa. Todo o sentimento de amor, toda a idéa verdadeira fazem-o poeta; as paixões más e os ridiculos tornam-o romancista. Mas, na palheta em que mistura as côres risonhas e graciosas, com que tão bem sabe colorir e infeitar seus bellos sonhos, e seus palacios phantasticos, não estende nunca as côres sombrias e taciturnas com que costuma offuscar o gabi-

nete do homem de côrte, ou o salão da dama de alta gerarchia.

Tieck traduz as suas crenças piedosas em formosas imagens illuminadas, ornadas de arabescos e grinaldes de flores, taes como se vêm nos livros antigos; e, das torpezas e miserias que observa, faz essas figuras grotescas, á maneira de Hogarth e Teniers. Assim, a ironia que transluz nas suas novellas, provém mais de um sentimento secreto que elle occulta, e que, quanto ao fundo, é bem diverso do que parece sê-lo. Não é a ironia de qualquer espirito superficial, que não busca mais do que divertir-se com um sarcasmo, e rir-se de um ridiculo; é a ironia de uma alma triste, abalada na sua crença, que se consola na dor com uma exclamação de riso em vez de se consolar com lagrimas; é a ironia do homem que não consente que os indifferentes observem e devassem os desgostos que o pungem, e que vae pelo mundo trajando de gala; mas, se o vento consegue erguer a ponta do vestido, descortina-se logo por baixo o cfepe, e a chaga que sangra ainda.

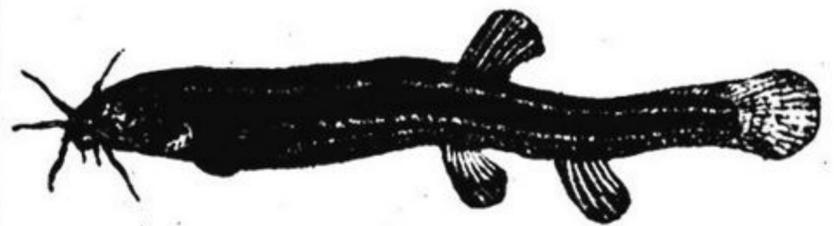
A vida de Tieck não offerece nenhum d'esses acontecimentos extraordinarios, que quasi sempre assinalam a sorte dos grandes poetas. Foi uma vida desde muito cedo consagrada inteiramente ao estudo, e ao culto da arte, e apenas amenisada por algumas viagens.

(Continúa.)

G. C.

#### COMMERCIO DE FRUCTAS EXOTICAS EM LONDRES.

O commercio das fructas é importantissimo na famosa capital da Grã-Bretanha. O dos ananazes começou ha doze annos, e já ali se importam cerca de 200:000 em cada anno. Os melões e outras fructas vão-lhe de Portugal e de Hespanha; mas o ramo mais interessante é sem duvida as laranjas e limões; d'aquella deliciosa fructa importa Londres mais de 60 milhões cada anno; afóra 15 milhões de limões e cidras. No seu transporte empregam-se 240 navios. Deve aqui notar-se que a maxima parte das laranjas e limões que se consomem em Inglaterra vão de Portugal e das ilhas dos Açores.



#### OS CADOZETES.

Os cadozetes ou cobitis são uns pequenos peixes que se criam em quasi todos os rios da Europa, e Pallas pôde encontral-os tambem na Siberia. Pertencem os cadozetes ou cobitis, que Linneo denomina *Cobitis*, e os francezes chamam *Loches*, á classe dos *abdominaes* segundo Cuvier no seu *Quadro elementar da historia natural dos animaes*. Distinguem-se diferentes especies de cadozetes, que vem mencionadas no referido *Quadro*. (1) A primeira (*cobitis*) tem o

(1) Ha uma excellento traducção d'esta obra, por Antonio de Almeida, impressa em Londres 1815, 2 v. 8.º

corpo alongado, quasi todo igual, mucoso, e com escamas mui pouco visiveis; a cabeça pequena; os olhos no alto d'esta; quatro a seis raios na membrana dos ouvidos; os operculos de uma só peça, fechados inferiormente; e uma barbatana dorsal.

A segunda (*cobitis barbatula*) tem seis barbilhões; a cabeça comprimida, e sem espinhos; o corpo medirá tres a quatro pollegadas de comprimento.

A terceira (*cobitis taenia*) tem seis barbilhões tambem, um espinho debaixo do olho, o corpo malhado, prefere viver debaixo das pedras do fundo e margens dos rios.

A quarta (*cobitis fossilis*) tem oito barbilhões; e um espinho debaixo do olho: é a especie maior, porque chega a medir doze a quatorze pollegadas em comprimento.

São estes peixes mui vorazes, tendo por principal alimentação os vermes e insectos aquaticos. A sua carne é, em geral, saborosa, e de facil digestão, posto que um pouco gordurenta.

A nossa gravura representa um individuo da especie *cobitis taenia*, que é a que os francezes chamam *loche de riviere*; na já citada obra puzeram-lhe a denominação portugueza de *cadozete espinhoso dos rios*.

#### ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

A lua do mel. — A polygamia. — A gravidez, e Valerio. — Mr. Pimping, e Kadé. — Bolama, e um documento furtado pelos inglezes. — O cynismo d'um methodista. — Consequencias de uma seducção. — O primeiro elo da cadeia dos crimes.

Passaram-se algumas semanas, e Ondotó appareceu no fim d'ellas com a segunda caçada, constante de diversos animaes dos bosques para as menageries de sua magestade britannica, que, conforme o ajuste, deviam ser entregues a mr. Pimping, que se esqueceu de lhe pagar. Valerio estava presente, e com o filho da *Great Britain* espraizou-se em exaggerados elogios á habilidade, valor e destreza do caçador, e á belleza, e boa qualidade da caça, que consistia n'um porco-espinho, um casal de tigres, e outro de onças etc., e pediram a Ondotó que contasse o modo como realisou esta caçada, o que elle fez com a volubilidade e energia de phrase proprias da sua nação.

Então Valerio passou habilmente a tratar dos perigos que correm os commissarios da escravatura, o que exige que n'aquelle serviço sómente se empreguem os homens valorosos, afeitos aos trabalhos, e ferteis em recursos, e que o torna por isso digno de só por guerreiros ser exercido; mas tendo o cuidado de nunca se dirigir directamente a Ondotó para não parecer que o convidava a isso. Depois passou a enumerar as vantagens que tiram estes commissarios de suas excursões, a influencia de que gosam e as riquezas que amontoam; dizendo isto, fá negligentemente desdobrando algumas peças de lindos tecidos de cores, que estavam amontoadas sobre a meza de jantar, manuseava alguns collares de coral, de missanga e avelorios, que tambem por ali estavam em pequenos pacotes; mas como quem obrava sem reflexão, e só porque não podia estar quieto em quanto fallava, e machinalmente pegava e largava os objectos que tinha diante de si. Era como um dialogo entre Valerio e Pimping, a que este respondia, sem que nenhum d'elles parecesse que reparava n'aquelle que os estava ouvindo.

Serviu-se o almoço, que Ondotó foi convidado a partilhar, o que acceitou; e no qual não faltaram as

garrafas de Champanhe e Bordeus, que os dous amigos repartiram entre si, offerecendo um copo a Ondotó que ao principio recusou. Mas as instancias foram tantas que acceitou um copo de Champanhe, depois um de Bordeus, outro de Madeira, e por fim d'estufa: este agradou muito a Ondotó.

Algumas fructas seccas, servidas a proposito, chamaram novas libações; e quando Ondotó já estava bastante perturbado, fizeram apparecer Kadé, que veio com aguardente, misturada com agua salgada e agua raz, como se vende ordinariamente aos pretos; e das mãos d'ella bebeu Ondotó o toxico que lhe fa roubar não a vida, mas o que é mil vezes mais precioso, a honra e a innocencia.

Os dous propuzeram-lhe então, mesmo diante de Kadé, que de proposito se conservou defronte de Ondotó cobrindo-o com olhares ardentes, uma parte na especulação de um proximo carregamento d'escravos que Pimping ía fazer com a bandeira dos Estados Unidos, encarecendo-lhe as vantagens que podia obter, associando-se-lhes.

Ondotó resistia. O amor de Kiangi, o estado em que ella se achava em vespersas de ser mãe, o horror que tinha a estas caçadas de seres humanos, que só pela traição podiam realizar-se com facilidade; ou que era necessario emprehender empregando a violencia, arrojando-se a emprezas perigosas e crueis, que só pelo ferro e o fogo se podiam effectuar, deixando por vestigios torrentes de sangue, e montões de cinzas quentes, eram as razões que balbuciava para se oppor á especulação proposta. Balbuciava estas razões, porque estava pouco seguro da cabeça? porque os olhos e a semi-nudez de Kadé o tinham começado a magnetisar? ou porque o demonio da cubiça lhe ía soprando o appetite de possuir cousas tão bonitas como as que tinha diante dos olhos, entre as quaes brilhavam alguns montinhos de patacas, e de moedas de 10 réis, que pareciam acabadas de cunhar, tanto era o que luziam? quem sabe?! O coração do homem é um abysmo insondavel.

Quando o viu já titubeando na sua resolução, Valerio fez signal a Pimping para não insistir mais: este lembrou-se então de que negocios urgentes o chamavam á praça a fallar com o governador; e saíu, pedindo a Valerio e Ondotó que não se incomodassem, pois demorava-se pouco: Valerio, assim que Pimping saíu, fingiu tambem algum negocio que o obrigava a retirar-se, e desapareceu; quanto a Ondotó, esse não tinha já inteira consciencia do que fazia, nem d'onde estava, e ficou só com Kadé, que se conservava sempre defronte d'elle com as mãos debaixo dos braços; como o gato que espreita o rato para se lhe lançar em cima e devoral-o.

Assim que se viu só com o papel Kadé chegou-se a elle, mas este repelliua; comtudo ella taes traças empregou que o infeliz foi vencido quasi sem lutar, e ardendo n'uma labareda criminosa, esqueceu-se da esposa que amava, da qualidade da mulher a quem sacrificava seu amor tão casto, do lugar onde estava, e não viu o grosseiro laço que lhe armaram, e em que caía....

Ondotó foi criminoso diante de Deus, e diante dos homens, porque não está no poder d'estes alterar por leis facticias o sacrosanto principio da moral estabelecido por as leis eternas—enganam-se grosseiramente os que o pensam! a voz incorruptivel da consciencia, e a anarchia traduzida em factos não deixam de vingar a verdade, e castigar o sacrilegio. A lei papel não condemna o crime que commetteu, porém a lei familiar, n'isso mais de accôrdo com a eterna mo-

ral, pune-o, distinguindo o acto e o logar em que se faz, pela mancha á casa e offensa ao dono d'ella: distincção que só se póde explicar pela razão acima dita.

O desgraçado julgou-se feliz saboreando venenosos deleites, e comtudo bem pouco tempo lhe durou a illusão. A forte commoção que sentiu restituíra já, ao menos em parte, a lucidez a seu espirito; e apenas se deu conta do que tinha passado, que os remorsos e a vergonha lhe atezaram o coração, e comtudo ainda não suspeitava sequer o perigo que lhe ia cair! Já repellia de si com desprezo a miseravel que o seduzira, quando Pimping entrou na sala acompanhado de alguns grumetes, e deu um grito como se o horrorisára o que via, e que lhe denunciava o crime que se acabára de commetter.

Affigure-se a confusão de Ondotó ao ver entrar toda aquella gente, e olhando para si, e para a sua cumplice! Ainda que se condemnava a si mesmo, ainda que já desprezava Kadé, não se esqueceu do perigo que ella corria; olhando para ella, e vendo-a ao parecer cheia de vergonha, e mesmo de terror pelo castigo em que tinha incorrido, não se atreveu a lembrar-se de si com quanto soubesse que, pelas leis tradicionaes da familia papel, estava desde este momento escravo de Pimping, que podia como tal dispor d'elle, ou impor-lhe as mais duras condições pelo seu resgate; e só viu que a balanta era uma victima destinada ao cruel supplicio do *passapau*, e devia depois ser ignominiosamente expulsa d'aquella casa. Ondotó deixou-se cair sobre uma cadeira atormentado pela idéa de que elle era o algoz d'aquella pobre mulher.

Pimping corre para elle cheio de colera, e diz-lhe: Levanta-te, escravo, e vae buscar o chicote. Quero que de tuas mãos receba essa desgraçada as primicias do castigo que merece: e como Ondotó, entregue todo a seus dolorosos remorsos, opprimido pelas mais negras idéas, não ouvia, nem dava accôrdo de si, o brutal inglez chegou-se a elle, e deu-lhe com a ponta do pé em signal de desprezo, repetindo aquellas terriveis palavras, que então calaram até ao coração do infeliz como um frio e acicalado punhal. Ondotó saltou como uma onça, deu um rugido como o do tigre no meio da noute, lançou-se de um pulo sobre Pimping, e apertou-o entre seus nervosos braços para o estrangular.

Os grumetes correram todos sobre Ondotó, de cujas mãos arrancaram o inglez semi-morto de medo e raiva, e amarraram-no fortemente; pondo-o defronte de Pimping, que se sentou na sua cadeira á voltaire, como póde sentar-se um juiz no seu tribunal para julgar o réu que tem diante de si. Vendo Ondotó bem seguro, e que já não tinha que temer d'elle, mandou Pimping que amarrassem tambem Kadé no pateo para onde a levaram por ordem d'elle, e dando uma risadinha de ferocidade satisfeita, fallou assim ao seu novo escravo, saíndo-lhe as palavras da bôca, assim como saem as gotas d'agua d'um filtro:

—Ondotó, és meu escravo: eu posso obrigar-te a tomar o chicote e a seres o instrumento da minha vingança sobre a tua cumplice, que lá está esperando no pateo a surra que merece pelo crime que ambos commettestes; e depois d'isso vender-te por 60 patacas (é o valor venal d'um escravo peça)...

—Podes vender-me, a mim que devo um dia reinar em Antula, é o teu direito, é o que dizem as nossas leis tradicionaes. Podes tambem retalhar-me o corpo com esse instrumento vil, que ao passo que corta as carnes, rasga e ennodôa a alma; o que tu não podes fazer, é obrigar-me a ser vil aos meus pro-

prios olhos, é constituir-me verdugo d'essa infeliz, que por minha culpa está debaixo da tua torpe vingança, porque não sou nenhum branco rico, nem nenhum capitão de negreiros para te pagar em boas patacas o preço do crime que ambos commettemos. Não, isso não o conseguirás tu nunca de mim.

—Miseravel!... cão de negro... balbuciou o honrado filho de Albion, roxo pela colera, como uma beterraba de conserva; e lançou-se sobre Ondotó que nem pestanejou.

N'este tempo entrou Valerio como se não soubesse nada do que se tinha passado, e que elle mesmo planeára; metteu-se de permeio entre Pimping e Ondotó segurando aquelle, e conduzindo-o ao seu logar. Ondotó baixou os olhos d'envergonhado, e fez-se fulo de vergonha. No entretanto Valerio e Pimping fallavam a meia voz, mas com gesto agitado; Pimping foi pouco a pouco abaixando o tom, e depois de algum tempo de silencio, durante o qual só Valerio fallava, dirigiu-se a Ondotó n'estes termos:

—Cuidas que me faltam os meios de quebrar-te essa vontade de ferro, e dobrar-te como cera á minha vontade, ainda mais dura que a tua? como te enganas! Eu podia mandar-te surrar, e mais a ella. A ella primeiro, e depois a ti para te martyrisar na alma e no corpo, como a mim me martyrisaste; mas quero seguir os conselhos da amizade, quero ser generoso, ouvindo o que para te desculpar me diz este honrado grumete. Mas o castigo que te destino nem por isso é menos forte: vou mandar dizer a Kiangi que te achei em crime com a minha *dona-casa*, e que por isso ficaste meu captivo. Vou tambem tratar de vender-te a algum dos habitantes d'esta povoação para que a tua familia te veja escravo; para que te vejam carregando cadeias esses que te estimavam, e tambem os teus compatriotas, principalmente aquelles que te olhavam como guerreiro e seu futuro rei, e a quem mui brevemente havia de governar. Que te parece? não sou generoso?

Ondotó estremeceu diante d'esta ameaça. Perder o amor de sua esposa; ser escravo, e por tal causa, na presença d'aquelles que o tinham estimado tanto! ser escravo de algum negociante, ou algum official da guarnição, ou mesmo d'algum outro escravo, dos que ali ha que tambem possuem escravos, era peor que a morte. Se ao menos fosse para uma terra d'ali bem distante onde ninguem o conhecesse, onde elle não conhecesse ninguem... Toda a sua altivez, a sua exaltação febril desapareceu, como a chamma, que subindo aos ares n'um arrojado esforço, se aniquila esmagada por uma chuva d'agosto. Os olhos encheram-se-lhe de nevoa; os joelhos vergaram-lhe; e caiu por terra sem sentidos...

Fevereiro de 1851.

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

#### A INVEJA E OS PORTUGUEZES.

Luzir portuguez entre portuguezes, e muito menos luzir com a sua luz, é cousa muito difficultosa na nossa terra.

Que foi Affonso de Albuquerque no Oriente? Que foi um Duarte Pacheco? Que foi um D. João de Castro? Que foi um Nuno da Cunha, e tantos outros heroes famosos, senão uns astros e planetas lucidissimos, que assim como allumiaram, com estupendo resplendor, aquelle glorioso seculo, assim escureceram todos os passados?

Depois de voarem nas azas da fama por todo o mun-

do estes astros de nossa nação, onde foram parar, quando chegaram a ella? Um vereis privado com infamia do governo, outro prezo, e morto em um hospital, outro retirado e mudo em um deserto, e o melhor livrado de todos, o que se mandou sepultar nas ondas do oceano, encommendoando aos ventos levassem á sua patria as ultimas vozes com que d'ella se despedia: *Ingrata patria non possidebis ossa mea.*

Oh! patria tão naturalmente amada, como naturalmente incredula! Que filhos tão grandes e tão illustres terias, se assim como nascem de ti, não nasçera juntamente, e com elles a inveja, que os aforça no mesmo nascimento, e os não deixa luzir, nem crescer.

VIEIRA, SERMÕES, XII.

### EPHEMERIDES HISTORICAS.

MAIO 1

- 305 — Abdicação de Diocleciano.  
 1769 — Nascimento de lord Wellington.  
 2  
 1604 — Morte de Duarte Nunes de Leão, auctor das *Chronicas dos reis de Portugal.*  
 1493 — Alexandre VI reparte o mundo a descobrir entre as corôas de Portugal e Hespanha.  
 1808 — Sublevação do povo madrileno contra os francezes.  
 3  
 1518 — Descobrimto da Nova-Hespanha.  
 4  
 1848 — A assembléa nacional em França proclama a republica.  
 5  
 1249 — S. Luiz, rei de França, é resgatado do poder dos mouros, mediante a somma de cem mil libras, e a restituição de Damietta.  
 6  
 1527 — O condestavel de Bourbon toma, saqueia e incendia Roma, sendo papa Clemente VII.  
 7  
 1717 — Chega a Paris Pedro o grande, imperador da Russia.  
 8  
 1144 — Instituição da ordem da ala por D. Affonso Henriques.  
 9  
 1573 — Henrique III é eleito rei de Polónia.  
 10  
 1794 — Isabel, irmã do infeliz monarcha Luiz XVI, é guilhotinada em Paris.  
 1831 — Acção da Calheta, na ilha de S. Miguel.  
 11  
 1621 — Acclamação de Philippe IV em Madrid.  
 12  
 1656 — Os portuguezes são obrigados a capitular em Colombo, e perdem a ilha de Ceylão.  
 13  
 1653 — Morre com 60 annos de idade Jacinto Freire de Andrade, natural de Beja, bem conhecido auctor da vida do celebre D. João de Castro, vice-rei da India.  
 14  
 1503 — Entrada de Gonçalo de Cordova, em Napoles.  
 1796 — Tomada de Milão por Massena.  
 15  
 1645 — Tomada de Leicester pelo exercito de Carlos I.  
 16  
 1770 — Consorcio de Maria Antonieta com Luiz XVI.

- 17  
 1110 — Conquista de Beyrouth por Balduino I, rei de Jerusalem.  
 18  
 1822 — O general Iturbide é acclamado imperador do Mexico.  
 1291 — Tomada de S. João d'Acre pelos serracenos.  
 19  
 1347 — Nicolau Rienzi é eleito tribuno em Roma.  
 1296 — O papa Celestino V é assassinado na prizão.  
 20  
 1647 — Levantamento em Palermo contra os hespanhoes.  
 1357 — Morte d'elrei D. Affonso IV.  
 21  
 1527 — Nascimento de Philippe II d'Hespanha, filho de Carlos V e de Isabel.  
 22  
 1849 — O general Romarino, é fulizado em Turim, depois da batalha de Novara, em que os piemontezes foram desbaratados pelos austriacos, attribuindo-se este desastre em parte a traição do mesmo general.  
 23  
 1803 — É assassinado Paulo I, imperador da Russia.  
 24  
 1707 — Nascimento do grande Linneo.  
 25  
 1846 — O actual imperador dos francezes consegue evadir-se do castello de Ham, onde fôra encarcerado.  
 26  
 1806 — Napoleão I é coroado rei de Italia.  
 27  
 237 — Gordiano é nomeado imperador pelo senado.  
 1610 — Ravailac, assassino de Henrique IV é esquartejado em Paris.  
 28  
 1547 — Morte de Henrique VIII, rei de Inglaterra.  
 29  
 1177 — Os milanezes derrotam Frederico barba-roxa, perto de Como.  
 1415 — Deposição e encarceramento do papa João XXIII.  
 30  
 1778 — Morte de Voltaire, na idade de 84 annos.  
 31  
 1413 — Surpreza de Roma por Ladislau, rei de Napoles.  
 1809 — Morte do compositor Hayden, e do general francez Lannes.

### BIBLIOGRAPHIA.

- MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, PELO SR. A. P. LOPES DE MENDONÇA. 1 vol. de 8.º fr. com 400 paginas . . . . . Rs. 720  
 FASTOS DA IGREJA — VIDA DE JESUS CHRISTO, PELO SR. L. A. REBELLO DA SILVA. VOL. II, PARTE I. 1 folh. de 156 paginas em 8.º fr. . . . . Rs. 240  
 MEDICINA LEGAL DE SÉDILLOT, TRADUZIDA E ANNOTADA PELO SR. DR. A. J. DE LIMA LEITÃO. 2.ª edição correcta e accrescentada. 1.º vol. 8.º fr. . . . . Rs. 600  
 As obras acima indicadas acham-se já á venda na livraria do editor A. J. Fernandes Lopes, rua Aurea, n.ºs 227 e 228. Vendem-se igualmente nas provincias, ultramar e estrangeiro em casa dos correspondentes do editor.